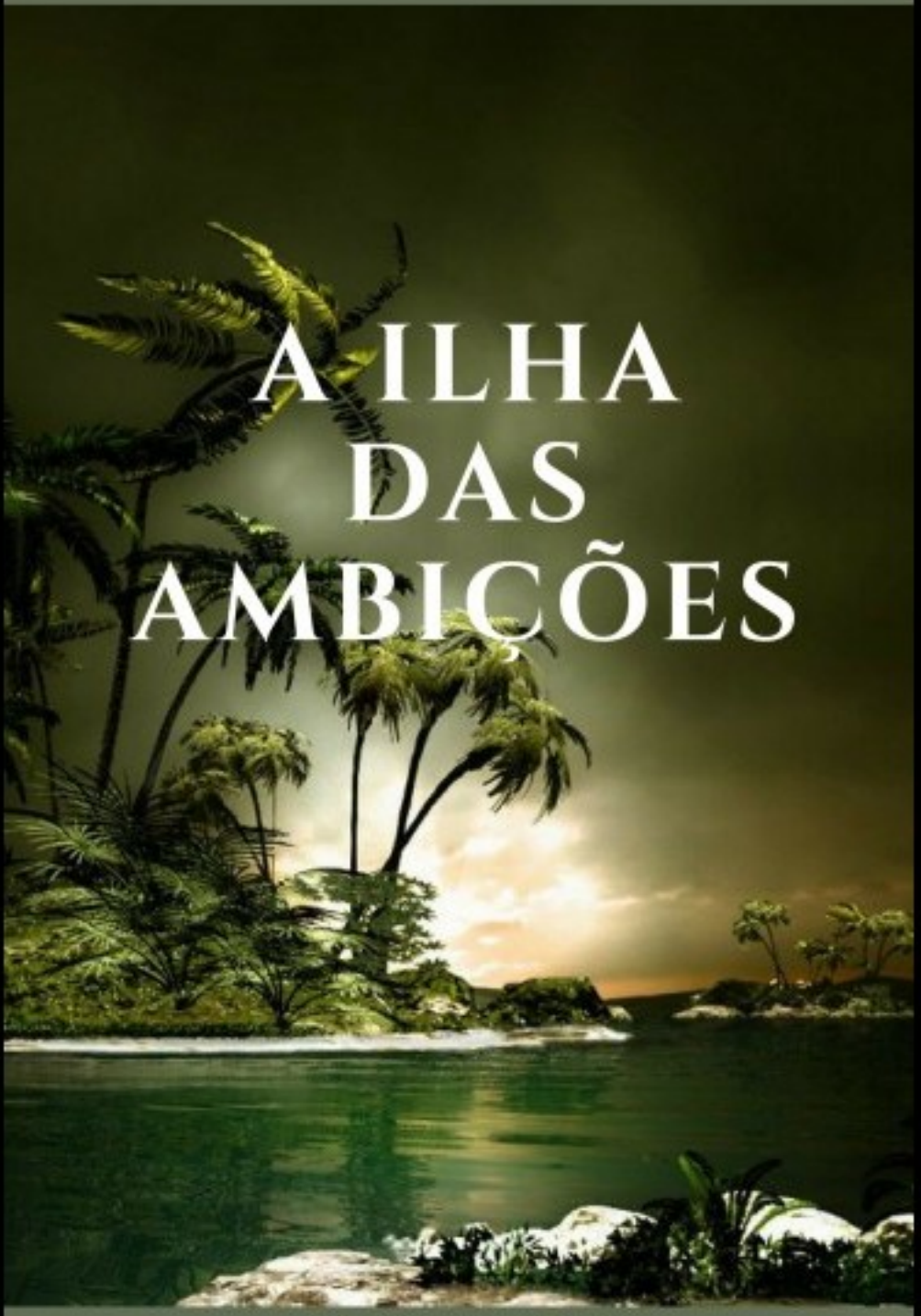
UM CONTO DE AVENTURA



A ILHA DAS AMBIÇÕES

ISAAC GUEDES

Isaac Guedes, esse deve ser eu ou precisamente alguém parecido. (Brincadeira...)

Nasci em 1989; escrevo desde meus oito anos, quando descobri a importância das palavras em minha vida; gosto de escrever sobre tudo, entretanto prefiro falar de amor, um amor impossível, irreal, improvável, inaceitável, inacreditável, idealizado, e tudo mais...

Conquanto por que escrevo?

Certamente para fugir de uma vida real e entrar em um mundo em que posso tudo; escrevo porque sou um sonhador e tenho um desejo imprescindível, o qual infelizmente eu não poderei dizê-lo, pelo fato de não querer, mas em breve você descobrirá; isso é caso o queiras descobrir...

Bom, espero que me compreenda se caso for possível, às vezes me acho um maluco, não pelo o que sou e sim pelo que escrevo. Quer saber? Deixa para lá e vamos ao conto.

Havia um mago muito rico, cuja riqueza era incalculável. Sem nenhum herdeiro, ele pensava no que faria com toda sua fortuna, já que não conhecia ninguém que fosse digno de herdá-la.

Depois de muito tempo procurando por alguém para ser seu herdeiro, não tendo encontrado, teve uma ideia interessante: numa ilha distante escondeu toda sua riqueza; foram feitos os mapas indicando o lugar exato de toda a sua fortuna e distribuído para pessoas de todo o mundo.

Muitas pessoas se apressaram em procurar pelo tesouro, no entanto ao chegarem à ilha percebiam algo diferente; tratava-se de uma ilha encantada; sua entrada era guardada por dois guardiões.

Todos poderiam entrar na ilha, porém ela trazia muitos perigos. Todas as pessoas que entravam lá não conseguiam retornar. Avisados pelos guardiões da ilha, homens encapuzados, altos, robustos e portando escudos e lanças, sobre os encantos, muitos acabaram desistindo de procurar pelo tesouro e voltavam para casa.

Restaram apenas sete pessoas, entre aventureiros e pessoas que ambicionavam a riqueza do rei. Todas estavam cientes de que talvez nunca mais retornassem para suas casas, porém o sonho de se tornarem ricas era mais alto, valeria correr o risco.

Quando os sete jovens entraram na ilha acabaram se perdendo um do outro. Primeiro veio um clarão, como se o sol engolisse a Terra completamente.

A ilha era realmente encantadora! Havia árvores gigantescas, pássaros, animais diversos, flores belíssimas, ventos impetuosos que causavam redemoinhos devastadores, cores vivas e difíceis de serem numeradas!

Alec, um dos sete, com o mapa em mãos, estava sozinho na floresta. Pensava em encontrar o tesouro e o quanto antes sair daquela ilha que tanto lhe apavorava.

Todos os outros seis pensavam o mesmo. No entanto, ao olharem seus mapas perceberam que nenhum era parecido com o outro.

Diego, Alfer, Tracy Anne, Mary Aline, Eduardo, Isaac e Alec eram as pessoas em busca do tesouro.

Todos distantes um do outro, não imaginavam que o pior ainda estava por vir; a noite naquele lugar era muito perigosa.

Diego era um rapaz muito simples, contudo muito esquentado: quando o irritavam, ele cometia atos inconsequentes. Sempre carregava em suas costas uma mochila preta, a qual era bem protegida.

Alfer tinha o desejo de construir uma casa imensa e nunca vista antes; para isso faria o que fosse possível, até mesmo passar por cima de seus amigos ou companheiros de busca.

Tracy Anne, ao contrário do que muitos imaginavam, não era uma pessoa muito amorosa: pensava somente em si — muito linda, usava roupas pretas, seus cabelos eram longos, suas unhas bem feitas; toda hora se olhava no espelho que trazia em uma bolsa.

Mary Aline era muito legal, porém atrapalhada. Nunca conseguia terminar algo, deixando-o sempre pela metade, mas era muito decidida — jamais havia voltado com sua palavra.

Eduardo, sério, não desistia facilmente daquilo que queria e não se contentava com o que tinha, sempre querendo mais e mais.

Alec, garoto inteligente, sincero nas palavras, criativo, bom amigo — entretanto, péssimo inimigo. Sempre sorridente, trazia em seus olhos um segredo do qual sua vida dependia.

Isaac, esse sim era um problema: não tinha medo de nada, gostava de ser desafiado, jamais havia perdido um desafio, encarava a vida de frente; seu sonho era encontrar o tesouro e ajudar seus pais.

A noite se aproximava, fazia muito frio, já era o momento de procurar um lugar para pernoitar. Não foi difícil encontrar um lugar adequado para dormir. Quando o sol sumiu completamente, ninguém conseguia enxergar nada. Havia uma total escuridão, no céu não havia estrelas nem lua. Apenas gritos e lamentações. Todos se perguntavam quem seriam e por que lamentavam tão desesperadamente. As sombras pareciam ter vida, pois se movimentavam de um lado a outro, tentando agarrar os aventureiros. Nenhum animal emitia um único som, parecendo temer algum mal existente na ilha.

Quando o sol surgiu no leste, já passava das oito.

Eles haviam sobrevivido até que facilmente aquela noite; entretanto, para surpresa de todos, os sete se encontravam novamente juntos no mesmo lugar — onde tinham se desencontrado pela primeira vez.

Confusos, um perguntava para o outro como aquilo era possível, mas ninguém sabia responder; resolveram mais uma vez se separar e irem à procura do tesouro.

Andando pela ilha, novamente separados, não conseguiam encontrar pistas da localização do tesouro; passaram a suspeitar que todos os mapas estavam, de certa forma, errados.

Este foi o segundo dia em busca do tesouro.

A noite chegou mais uma vez; ainda mais escura, os gritos pareciam mais fortes e cada vez mais próximos, os animais estavam totalmente quietos, as sombras ainda mais terríveis.

Havia algo de estranho naquela ilha, a questão era: o quê?

A noite parecia ter durado mais do que a anterior — e realmente durou. Quando amanheceu, passava das nove horas; o dia ficava cada vez menor.

Novamente, ao acordarem, estavam todos reunidos. Como aquilo era possível?

Mais uma vez foram cada um para o seu lado, embora houvesse agora o temor de adentrarem a selva, sozinhos. Era a ambição que os fazia tão desunidos, pois nem um nem outro queriam dividir a enorme riqueza do mago. A busca continuava sem sucesso. À noite o frio era implacável e a escuridão intensa, o mal se arrastava mais ainda pelo local. Eles começaram a ver vultos mais distintos das sombras; os gritos pareciam estar a poucos metros. Os jovens começaram a se preocupar; desejaram que o dia amanhecesse o mais breve possível — o que começou a demorar cada vez mais.

Juntos outra vez tentaram entender o que estava acontecendo.

Alec, tomando a palavra, disse:

— Não sei o que está acontecendo; cada dia que se passa a noite fica maior, ouço gritos, vejo vultos e isso não me parece nada bom.

— Pode ter certeza que sim — disse Alfer, com um ar de preocupado.

— Esta ilha me parece cada vez mais estranha, a lua não aparece, nem as estrelas.

Mary Aline, tropeçando em um galho de árvore, perguntou: — Alguém teria alguma sugestão?

Depois de algum tempo em silêncio, Isaac sugeriu: — Façamos o seguinte: hoje vamos nos dividir em grupos e aí procuraremos pelo tesouro.

— Não! Eu mesmo vou procurar pelo tesouro sozinho! — exclamou Diego, todo possessivo.

— Eu também vim sozinho para cá e sozinho voltarei — concluiu Eduardo, concordando com Diego.

Tracy Anne, depois de ter ouvido tudo em silêncio, falou:

— Realmente a coisa aqui é séria, muito mais do que imaginamos. Os dias ficam cada vez mais curtos, pode até acontecer de não haver mais a claridade do sol daqui algum tempo. Minha sugestão é que nos unamos por ora. Desvendaremos o mistério juntos. Ficaremos em grupo, mas acho que vai ficar tudo igual, com os mesmos riscos.

Todos concordaram e continuaram a busca pelo tesouro, agora em dois grupos, porém a ambição os fez pensar se aquela escolha fosse a mais acertada. O dia estava lindo, o sol estava quente, e Alec resolveu parar debaixo de uma árvore para descansar um pouco.

Alfer e Eduardo, embora cansados, continuaram suas buscas.

Diante de um rio que cortava ao meio da ilha, Tracy resolveu se banhar. Depois de ter analisado se havia alguém por perto — pois optara por trilhar um caminho sozinha —, tirou aos poucos suas roupas.

Ela tinha o corpo perfeito — realmente ela era linda! Entrou na água lentamente; a água estava quente, gostosa.

Ela passou um bom tempo naquele banho, sentindo-se tranquila e leve. Ao sair de dentro do rio, foi surpreendida por uma gigantesca cobra, com escamas salientes em volta do pescoço (que pareciam muito mais rochas que escamas de um réptil) logo depois de ter vestido suas roupas — exceto suas botas.

Tracy Anne não teria como vencer aquela cobra. A solução era apenas correr. Mas a cobra lhe perseguiu...

A jovem corria sem direção. Já cansada acabou tropeçando em uma pedra. No chão, ela olhava para o ofídio e deu um grito que ecoou por toda ilha. A cobra abriu sua bocarra, exibindo a língua negra e bifurcada, e a engoliu.

Enquanto estava dentro da barriga da cobra, num momento em que se misturaram os sentimentos de raiva e desespero dentro do coração de Tracy, algo inconcebível aconteceu.

Misteriosamente as unhas dela cresceram e se tornaram afinadas como de um animal selvagem. E com essas unhas ela rompeu o estomago da serpente, livrando-se de sua morte e provocando a de sua predadora.

Enquanto isso, Alec e os outros também estavam sendo atacados por cobras gigantescas, todas com escamas assustadoramente salientes em volta do pescoço.

Cada um dos jovens havia ganhado poderes especiais nos momentos em que lutaram pela vida.

Diego havia se tornado mais rápido, conseguindo escapar dos botes — sempre lento e forte, ele agora era ágil e frágil como um beija-flor.

Alfer conseguia controlar os animais com sua mente e a cobra era inofensiva para ele — ele sempre fora incapaz de exercer influência sobre qualquer um.

Alec agora era muito forte, matando o ofídio com um único golpe de um tronco — embora inteligente, o rapaz nunca foi bom de briga, sempre apanhando na escola.

Eduardo tinha a capacidade de ficar invisível e sem transmitir calor — fora da ilha, ele era sempre o centro das atenções.

Mary conseguia escalar a árvore como se fosse uma primata com cinco membros (quatro patas e um rabo) — ela não era mais tão desajeitada como antes.

E Isaac podia voar — era um medo que ele tinha, mas ali parecia não atormentá-lo nem um pouco.

Todos eles conseguiram sobreviver e pensaram como haviam ganhado aqueles poderes. Agora estavam todos reunidos, exibindo-se com os poderes que ganharam e contando as aventuras que tiveram.

Mais uma vez o dia foi embora. A noite não seria problema para eles, graças aos dons que haviam adquirido. Nada de sombras, gritos, lamentações, vultos ou cobras gigantes.

Porém, se enganaram; seus poderes haviam despertado seres que se alimentavam de magia, de seus poderes.

Alec já estava dormindo quando acordou assustado, pois ouviu um barulho entre as árvores. Curioso para saber do que se tratava, resolveu investigar e se deparou com uma gigantesca aranha, toda negra e peluda, olhos vermelhos. Pensou ele:

"Com apenas um soco a matarei."

Estava errado: ela lançou teias que lhe atingiram e de alguma forma pareciam acabar com sua força sobre-humana, deixando-o imóvel.

As teias da aranha eram resistentes. Alec, com sua força tentava se soltar, entretanto seu esforço era inútil, pois a aranha sugava sua força vital, deixando-o cada vez mais fraco.

Isaac estava testando seus poderes aéreos, sem temer mal algum, quando ouviu um grito.

Percebendo que se tratava de Alec, resolveu ajudá-lo voando em sua direção.

Percebendo que se tratava de Alec, resolveu ajudá-lo voando em sua direção. E se deparou com ele todo amarrado sendo atacado pela aranha gigante. Então, em um vôo rasante, pegou-o e o levou para longe dali, salvando sua vida.

Por fim, mais uma noite havia se passado. Desta vez o sol raiou às doze e meia, e todos se encontravam mais uma vez juntos, relatando terem confrontado as aranhas. Do dia restava apenas quatro horas e meia — talvez em dois dias o sol não aparecesse mais.

Desta vez eles concordaram, em unanimidade, de juntos procurarem o tesouro. Eles encontraram uma primeira pista numa caverna que o mapa marcava como a Caverna do Medo.

Lá era muito escuro; ao longe brilhava uma luz intensa. Os sete jovens entraram na caverna e sentiram um medo que lhes arrepiava a espinha.

A caverna refletia suas fraquezas e seus receios, como as surras que Alec levava; a raiva que Tracy sentia do mundo machista que a julgava fraca;

as quedas que Isaac levou quando criança; as vezes que Mary não concluiu uma tarefa confiada a ela; as vezes que Diego foi preso por arrumar brigas; as inimizades de Eduardo por ser ele tão popular; e as oportunidades que Alfer perdeu por ser tão incapaz de tentar se impor numa reunião de negócios, o que o levou a perder o emprego; lá dentro perderam seus poderes. Mesmo com o medo eles decidiram continuar até a luz — quem sabe não seria ali que estaria o tão sonhado tesouro?

No meio da caverna milhares de morcegos os atacaram, animais enormes e assustadores. Alfer tentou controlá-los, no entanto não conseguiu; a solução foi correr até a luz.

Por muito pouco conseguiram escapar e chegaram ao final da caverna: era o final da jornada. A luz era a saída que levava de volta para o mundo deles — um pouco mais embaixo, num abismo, estava uma enorme quantidade de ouro.

Os sete estavam felizes, porque haviam encontrado o que procuravam, havia ouro suficiente para todos. Então apareceu diante deles um senhor de cabelos brancos que disse:

— Aqui tenho sete pequenos alforjes de ouro, com uma coisa muito valiosa dentro. Estou dando para vocês dividirem entre si, com a condição de deixarem todo esse ouro aí embaixo, e então saírem são e salvos daqui.

Vocês é que decidem. Se caso decidirem ficar com um pequeno alforje cada um, poderão voltar para casa, mas se decidirem que querem mais e adentrar no abismo para pegar o ouro, pode ter certeza que nunca sairão dessa ilha. A escolha é de vocês!

Dito isso desapareceu, deixando sete pequenos alforjes.

Era uma escolha muito difícil...

— O que faremos? — perguntou Isaac.

— Eu mesmo vou encher minha mochila, meus bolsos, vou levar tudo que puder — disse Diego, pronto para se jogar no abismo dourado.

— Mas, e o que o velhinho disse? — alertou Tracy Anne.

— Eu mesmo não quero ficar aqui preso para sempre — falou Isaac.

—Nem eu! — exclamaram Alec e Mary.

Por fim, cada um tomou sua decisão: Isaac, Tracy Anne, Mary Aline e Alec decidiram ficar cada um com um alforje, enquanto Diego, Eduardo e Alfer, além de pegarem cada um o seu alforje, desceram para pegar o ouro. Os quatro, que resolveram ficar apenas com um alforje cada um, subiram por uma escada e conseguiram sair da ilha.

O senhor de cabelos brancos apareceu mais uma vez para eles e disse:

— Parabéns! Vocês fizeram a escolha correta, por isso vou lhes revelar o mistério que cerca a ilha. As noites ficam cada vez maiores nela pela falta de união de cada um. Todas as vezes que vocês procuravam sozinhos pelo tesouro nada iriam encontrar, pois o segredo estava na união.

— E aqueles gritos que ouvimos todas as noites? — perguntou Alec.

— Os gritos eram de todas as pessoas que fizeram escolhas erradas; lamentam por não terem feito as mesmas escolhas que vocês fizeram.

— E aqueles poderes que ganhamos? — questionou Isaac. —

Os poderes eram dados para todos que estavam na ilha, para suprir o que lhes faltavam.

Todos entenderam as palavras do ancião — qualidades que eles deviam ter para poderem ir cada vez mais longe.

— E por que, na caverna, perdemos nossos poderes? – indagou Tracy Anne.

— A caverna é a ligação entre o mundo de vocês e a ilha. Aqui fora vocês já não têm poder algum.

— O que aconteceu com os três que decidiram ficar lá? — questionou Isaac.

— Os três, por serem ambiciosos e não se contentarem com aquilo que lhes fora dado, juntar-se-ão aos outros que se lamentam e nunca mais sairão de lá.

Feitas todas as perguntas e dadas todas as respostas, o senhor de cabelos brancos desapareceu.

Os quatro jovens retornaram para suas casas. Ao chegarem lá, quando tiraram o ouro dos saquinhos, tiveram uma surpresa: o ouro rendeu dez vezes mais.

Isaac conseguiu ajudar seus pais e ainda pôde realizar o sonho que considerava impossível: voar ao redor do mundo, pois aprendeu que as asas dos sonhos movimentam as grandes coisas, e não é preciso ter medo de cair.

Alec confiou mais em seus talentos e em sua inteligência, e não na força bruta, que apenas produz guerras e sofrimentos.

Tracy Anne construiu uma grande empresa, sendo muito mais bem-sucedida que muito homem, provando que além de beleza, ela tinha força de vontade e capacidade para comandar uma empresa — e ficou ainda mais bela (na verdade, até me apaixonei por ela, só que nunca terei uma chance de ficar ao lado dela, afinal de contas ela é apenas uma personagem e eu, o escritor).

Mary Aline, dessa vez se deu bem: construiu um clube, com sete piscinas, parques temáticos, sendo tão bem sucedida quanto a outra companheira de aventura, e pela primeira vez terminou alguma coisa.

Todos aprenderam lições valiosas naquela jornada de autodescobertas. Às vezes a nossa riqueza está bem mais próxima do que imaginamos, por isso é necessário fazermos as escolhas certas. Nem sempre a riqueza é tudo; de que adianta sermos ricos se não temos a felicidade? A vida é feita de coisas boas e ruins; cabe a nós a escolha certa, embora nem sempre a fazemos. Sempre há uma nova chance — é certo que não podemos desperdiçá-la. Embora soasse como final de desenho animado, era isso que haviam aprendido.

Ora ou outra se perguntavam sobre os três que se aventuraram na ambição de mais riquezas. Que fim os teria levado? Mas a resposta, infelizmente era conhecida por todos, embora nunca tenham regressado para a ilha para saberem.

Isaac Guedes